



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

VIVIANE FIUZA DA MOTA

GESTAÇÃO, PARTO E NASCIMENTO INDÍGENA ENTRE AS ESTUDANTES  
XAKRIABÁ NO FIEI

BELO HORIZONTE  
2021

**VIVIANE FIUZA DA MOTA**

**GESTAÇÃO, PARTO E NASCIMENTO INDÍGENA ENTRE AS ESTUDANTES  
XAKRIABÁ NO FIEI**

Percurso acadêmico apresentado ao  
Programa de Formação Intercultural para  
Educadores Indígenas da Faculdade de  
Educação da Universidade Federal de  
Minas Gerais  
Área: Ciências Sociais e Humanidades  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Gomes

**BELO HORIZONTE  
2021**

## **DEDICATÓRIA**

*Eu dedico esse trabalho para todas as Mulheres e as gestantes que passaram pelo FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), e todas as mulheres guerreiras Xakriabá que mesmo com tanta mudança das temporalidades, conseguem manter seus conhecimentos em ativa, como forma de homenagear e fortalecer a cultura do nascer indígena.*



Desenho feito por Santiely Aluna 9º ano, moradora da Aldeia Barreiro Preto.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a nosso Deus, por me conceder esse momento de conclusão de curso. Agradeço aos meus familiares pela ajuda e incentivo durante a minha jornada acadêmica.

Às pessoas que tiveram a paciência de ficar com meu filho durante o período de curso, ao meu esposo que tomou as responsabilidades da casa e das crianças durante o período que estive fora.

Agradeço aos representantes do curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas-FIEI em especial senhor Valdemar Xavier dos Santos (*in memoriam*).

Agradeço às pessoas que tiveram confiança de transmitir os conhecimentos tradicionais, destas principalmente se destacam as guerreiras Xakriabá que tiveram uma gestação durante o FIEI, que me passaram suas experiências de gestação e resguardo durante o curso, as mulheres Xakriabá mais velhas de nosso povo e a enfermeira Simone que colaboraram muito para o desenvolvimento do meu percurso.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha jornada acadêmica colaborando com meus trabalhos Valdemar Fernandes Ribeiro (*in memoriam*)

Agradeço à minha orientadora Ana Gomes, que esteve o tempo todo presente colaborando para a formação do meu percurso.

Os Agradecimentos ao Coordenador da turma CSH Pedro Rocha, que teve muita paciência com nossa turma, principalmente nesses últimos períodos que devido a pandemia tivemos que ter aulas online e exigiu um esforço e paciência muito grande.

Agradeço a toda turma CSH que estiveram todos juntos nesses anos, povos Pataxó, Xakriabá, Maxakali.

À Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG e todos os professores e coordenadores, bolsistas e funcionários do FIEI que sempre nos ajuda durante o curso.

## RESUMO

Neste trabalho de conclusão de percurso acadêmico venho trazer as experiências de gestação no FIEI, pois várias estudantes passaram e passam por essa experiência. Venho valorizar e fortalecer a luta das mulheres indígenas que ingressam na universidade e trago também algumas vivências de outras mulheres que não tiveram oportunidades de acessar o ensino superior. Este trabalho mostra as dificuldades e os desafios que várias estudantes indígenas Xakriabá passaram durante o período acadêmico, quando deixaram suas casas e sua família, para ter um curso superior e trazer melhorias para suas comunidades. Trago os relatos de cuidados durante a gestação e o pós-parto de cada uma das entrevistadas, incluindo remédios medicinais que são usados durante o período de resguardo.

**Palavras - chave:** Gravidez; Resguardo; Remédios; Mulheres estudantes indígenas; Xakriabá

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Localização da Terra indígena Xakriabá .....	9
Figura 2: Mapa com as cidades e as instituições que oferecem assistência médica fora da (TIX).....	11
Figura 3- Dona Rosa Ribeiro.....	16
Figura 4 - Dona Zelina .....	18
Figura 5 - Dona Marcelina .....	20
Figura 6- Zezinha Alves e sua família.....	25
Figura 7 - Eliziane Fernandes com seus três filhos .....	28
Figura 8- Mapa da Aldeia Barreiro Preto com a localização das gestantes e puérperas	33
Figura 9: Viviane com seus filhos .....	35
Figura 10: Enfermeira Simone .....	36
Figura 11 - Mastruz .....	38
Figura 12 – Transagem.....	39
Figura 13-Picão .....	39
Figura 14 - Óleo da mamona pronto para o uso .....	40

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Apresentação.....	7
CAPÍTULO I – INFORMAÇÕES SOBRE O POVO XAKRIABÁ.....	9
CAPÍTULO II – A VIDA DAS MULHERES XAKRIABÁ .....	12
2.1. Parto tradicional .....	14
Entrevista com Dona Rosa, Dona Zelina e Dona Marcelina .....	14
Entrevista com Dona Marcelina .....	19
CAPÍTULO III – “UM NOVO MUNDO “ .....	22
MULHERES XAKRIABÁ NO MUNDO ACADÊMICO E A EXPERIÊNCIA DA GESTAÇÃO.....	22
3.1. Gestação no FIEI .....	22
Entrevista com Sandra Fernandes Pimenta.....	28
Autobiografia de Viviane Fiuza da Mota.....	29
3.2 “Em Busca de Um novo Conhecimento” .....	35
Entrevista com a Simone (Enfermeira).....	35
CAPÍTULO IV - REMÉDIOS TRADICIONAIS .....	38
V- Conclusão .....	46

# INTRODUÇÃO

## Apresentação

Meu nome é Viviane Fiuza da Mota, Nasci no dia 13 de outubro de 1990, na cidade de Manga MG, Sou Casada com Genivaldo Fernandes Ribeiro, tenho 2 filhos o Nicolas Gabriel de 5 anos e o Thales Gael de 1 ano. Sou Universitária do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Iniciei o curso no ano de 2017 com conclusão prevista para 2021. Moro na Aldeia Barreiro Preto Localizada na Terra Indígena Xakriabá, norte de Minas Gerais.

Neste trabalho abordo várias experiências de estudantes do FIEI que tiveram uma gestação durante o curso, e também de algumas mulheres mais velhas de nosso povo que falam dos cuidados durante a gestação e o pós – parto. Isso é muito importante para o povo Xakriabá, pois como jovens estudantes e mães, conseguimos também colocar em práticas os conhecimentos para os cuidados com nossa gestação e nossos bebês. Esses cuidados são passados pelas nossas avós e mães, onde há todo um cuidado especial com nosso corpo e nosso espírito.

Quando comecei o curso no FIEI, eu já tinha um filho de 1 ano, e acabei engravidando novamente durante essa etapa de estudo. As situações que enfrentei nesse período despertaram em mim o desejo de falar sobre as gestações de outras estudantes do FIEI. Então depois de Assistir algumas apresentações de alguns percursos com temas relacionados á luta das mulheres indígenas interligando o nascer indígena, foi despertada em mim a vontade de fazer esse trabalho, para refletir e mostrar um pouco da realidade de antigamente e dos dias atuais.

Ao longo do percurso pude perceber que ainda existe muitos problemas relacionado a saúde da mulher, e pude observar também a luta das mulheres Xakriabá em busca da valorização dos conhecimentos tradicionais, e a luta para ter conhecimento científico, pois é muito importante ter esses dois conhecimentos.

O que temos hoje e o que sabemos são graças aos mais velhos, que lutaram e sofreram em meio a muitas dificuldades. Hoje eles nos passam suas histórias e seus conhecimentos como fortalecimento da nossa cultura.

As conversas que tive com as pessoas que me deram as entrevistas foram enriquecedoras. Me emocionei várias vezes, cada entrevista tem um sentido especial.

Minha pesquisa aconteceu durante um período muito difícil para todos nós, pois a pandemia do Covid-19 chegou muito rápido nas nossas aldeias, dificultando um pouco o desenvolvimento do trabalho em questão, principalmente em relação à realização das entrevistas.

Em virtude dessas circunstâncias, não foi possível realizar alguns trabalhos que eu gostaria ter acrescentado ao meu percurso, como vídeos demonstrando na prática os cuidados durante a gestação e no pós-parto, ou até mesmo o acompanhamento de um parto tradicional. Também achei que seria muito importante ter tido mais tempo para dialogar com as mulheres do nosso povo, para que o meu conhecimento pudesse ter florescido mais.

Em função do contexto pandêmico algumas entrevistas foram feitas pelo *Whatsapp*. Essa tecnologia foi essencial para o desenvolvimento do meu trabalho.

Todo o trabalho foi desenvolvido por meio de entrevistas, gravações de áudios, fotografias e conversas. Onde busquei entender as dificuldades encontradas durante as gestações das mulheres indígenas, principalmente no período acadêmico e realizei uma análise comparativa com as dificuldades das mulheres mais velhas que não tiveram uma oportunidade de ter uma formação acadêmica.

As entrevistadas foram: Zezinha Alves da Cruz, Elisiane Fernandes Pimenta 29 anos, Sandra Fernandes Pimenta, Simone Nunes Correa, Dona Rosa Nunes Ribeiro 64 anos, Zelina Gonzaga da Mota e Dona Marcelina. Zezinha, Elisiane e Sandra são estudantes que tiveram uma gestação durante o FIEI. Dona Zelina, Rosa e Dona Marcelina são mulheres do nosso povo que têm o conhecimento do nascer indígena e experiências de um tempo antigo. Elas tiveram suas gestações na aldeia e passaram muitas etapas num tempo de antigamente. Simone uma das entrevistadas é enfermeira da aldeia Barreiro Preto, ela pretende especializar em obstetrícia.

## CAPÍTULO I – INFORMAÇÕES SOBRE O POVO XAKRIABÁ



Figura 1-Localização da Terra indígena Xakriabá  
Fonte: Google (2021)

O território Xakriabá está localizado no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. A Terra Indígena Xakriabá (TIX) foi homologada em 1987, com 53 mil Hectares. Atualmente TIX existem, 36 aldeias e aproximadamente 12 mil habitantes.

Existem muitos pontos históricos na nossa terra, muitas cavernas com pinturas rupestres, muitas pessoas usavam cavernas como moradia e para armazenar sementes, tinha os riachos onde as mulheres pegavam água, tomavam banho, onde era ponto de encontro, além de um lugar de troca de conhecimento por ser um lugar cheios de segredos.

Existem lugares Sagrados onde acontecem os festejos, lugares onde aconteceram conflitos entre índios e fazendeiros. Estes lugares se tornaram importantes e marcantes para o povo Xakriabá, devido a perda algumas fortes lideranças Xakriabá ter se dado nesses lugares. Muitas das famílias Xakriabá produzem seu próprio alimento, com os plantios de feijão, milho, abobora, Mandioca, hortaliças e outros. Existem também as criações de animais para consumo como, bode, gado, galinha e porco, entre outros.

Na terra Xakriabá existem muitos artesãos que fazem diversos artesanatos como:

cerâmica de barro como panela, moringa, prato etc.; objetos de madeira como cadeira, mesa, cama, arco e flecha, animais, carro de boi etc.; além dos colares, pulseiras, brincos, cocares, cintos, peneiras, balaio etc.;

Aqui também têm muitas plantas medicinais que são utilizadas no dia a dia pelo povo Xakriabá. Alguns mais velhos especificam os tipos de remédios como sendo remédios dos gerais, ou seja, remédios que nascem em terras arenosas “Tipo Gerais” como a unha danta, o barbatimão, a quina e o arcanforzinho.

Há também os remédios da mata que dão em terras argilosas como a catinga de porco, a tipi e o desenrola. Os remédios de Hortas, são remédios plantados nas hortas das casas como: a hortelã, o alecrim, a arruda e o mastruz, amplamente utilizados na saúde das mulheres, entre outros. A diferenciação entre esses tipos de remédios se dá pelo tipo de solo onde ocorrem, pois algumas plantas dependem especificamente dos nutrientes de cada terra.

Na terra Xakriabá atualmente, existem muitas parteiras e elas estão sempre preparadas para o chamado. Antigamente existia apenas a saúde indígena tradicional. Os médicos eram nossos pajés, parteiras e rezadeiras, eles davam todo atendimento para quem precisava. Devido a distância dos hospitais e a falta de transporte, todo atendimento era feito dentro das aldeias pelos próprios índios. Neste contexto as gestantes acabavam tendo vários problemas durante o parto, principalmente quando a criança não podia nascer pelo parto normal.

Apesar de terem muitas parteiras no povo Xakriabá, o número de partos nas aldeias diminuiu bastante, devido aos avanços da medicina científica e inclusão dos meios de transportes. Somente depois de muita luta e com a homologação da terra indígena, o nosso povo conquistou os direitos por uma saúde diferenciada. Com o crescimento da população houve um aumento da demanda por serviços de saúde, o que ampliou o atendimento à nossa saúde.

Atualmente no nosso povo Xakriabá existe um órgão responsável pela saúde indígena, a SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) que nos dá atendimento dentro das aldeias e os suportes necessários em outras cidades como, Itacarambi com o Hospital Gerson Dias, Manga no Hospital Amparo ao homem do campo. Em Brasília de Minas temos os atendimentos para hemodiálise. Em Janaúba e Montes Claros temos acesso aos hospitais da Santa Casa e o Universitário, além de outras especialidades. Temos também a casa do índio, que oferece apoio especializado aos indígenas. Esta instituição conta com uma equipe de técnicos, enfermeiros e carros à disposição para o

transporte de pacientes.

Na terra Xakriabá temos 10 polos de saúde dentro das aldeias, com aproximadamente 12 enfermeiros, 4 médicos e 24 técnicos de enfermagem. Temos também carros de plantões nos polos que ficam disponíveis para uso da população. A (figura 2) apresenta um mapa que demonstra a distância das cidades que oferecem atendimento médico ao povo Xakriabá.



Figura 2: Mapa com as cidades e as instituições que oferecem assistência médica fora da (TIX)  
Fonte: elaborado pela autora (2021)

## **CAPÍTULO II – A VIDA DAS MULHERES XAKRIABÁ**

As mulheres têm o costume de casarem bem cedo e terem filhos cedo também, a maioria das crianças antigamente nasciam em casa por parto normal, pela falta de assistência médica, pois antigamente era muito difícil transporte e médicos nas proximidades. No entanto algumas mulheres preferiam ter mesmo com as parteiras por terem mais confiança nelas do que nos médicos de fora.

A confiança que as mulheres têm nas parteiras é muito importante para a cultura do nosso povo. A identidade do povo está firmada nesses gestos de confiança e de afeto umas com as outras, pois temos uma ligação familiar muito grande uns com outros. No momento do parto as parteiras têm muito cuidado com as gestantes, e há muito amor envolvido para receber os bebês; as parteiras e as ajudantes realmente se preocupam com as gestante e com o bebê. O cuidado vai muito além de apenas fazer um parto. Em algumas entrevistas pude perceber a confiança que as mulheres têm nas parteiras e que existem uma ligação forte de família, desde então essa união só aumenta a confiança.

A espiritualidade está sempre presente nesse ritual do nascer indígena, um ciclo muito importante para o povo indígena. Um ciclo que deve ter uma continuidade para fortalecimento desses conhecimentos, pois existe uma força muito grande dos nossos ancestrais para que esse ritual possa continuar com passar do tempo com fortalecimento da nossa cultura passando de gerações.

E perceptível que as mulheres são as guardiãs de conhecimentos tradicionais muito importantes para o nosso povo, elas ensinam e passam seus conhecimentos com serenidade, amor e confiança para que a cultura continue sempre firmada.

É uma resistência de luta a gente querer manter a cultura tradicional ao realizar um parto com todos os cuidados a serem tomados. Toda essa sabedoria dessas parteiras vem de uma espiritualidade muito forte, um conhecimento que tem origem na Mãe terra do nosso povo, e que nos dá a força e os ingredientes para continuar lutando a cada dia.

Como dizem algumas mulheres mais velhas “ a Mãe terra é responsável pela fertilidade das mulheres indígenas. Da mãe terra nascem os conhecimentos tradicionais, as plantas que curam as mulheres e seu povo. É dela que se tiram os nutrientes para manter a mulher forte na espiritualidade”.

Pôde-se perceber que as mulheres indígenas, ao mesmo tempo em que possuem poder no interior das comunidades, em geral não são reconhecidas como representantes destas perante os não-índios. Entretanto, é importante ouvir sua voz. Não que se proponha trazê-las para frente da roda, pois isso poderia implicar um desrespeito à cultura dos índios, o que provavelmente seria rechaçado pelas próprias mulheres indígenas. O que se faz necessário é que a política indigenista também possua um corte de gênero, ou seja, que os problemas das comunidades indígenas sejam vistos também da perspectiva feminina. Tal atitude será benéfica não somente para as mulheres, mas para a política indigenista como um todo (GRUBIT & HARRIS , 2005, p.364.)

Nos mulheres hoje em dia, temos diversos caminhos a seguir, basta ter fé e colocar em práticas os nossos conhecimentos transmitidos pelas nossas mães e avós. É claro que os conhecimentos profundos mesmo eram das nossas mulheres mais velhas que os têm e mantêm. Assim o meu objetivo como pesquisadora e universitária é tentar aprofundar nesse mundo de riqueza que temos dentro de nós mesmas, que só precisa ser moldado e estudado a fim de florescer e poder ser transmitido para meus filhos e netos futuramente.

Antigamente era muito difícil o acesso ao transporte e à assistência médica nas aldeias. As mulheres tinham filhos em casa somente com as parteiras, mas quando as parteiras demoravam chegar as mulheres tinham filhos na raça com a proteção de Deus e da nossa ancestralidade. Muitas das mulheres às vezes descobriam a gravidez tardiamente, e em muitos casos aconteciam abortos espontâneos enquanto as mulheres estavam na roça, ou nos riachos pegando água, e como os trabalhos eram pesados naquele tempo às vezes as mulheres perdiam seus bebês sem nem saber que estavam grávidas.

Como não tinham assistência médica e acessos a exames como a ultrassonografia, não era possível diagnosticar uma gravidez ou determinar o tempo de gestação. Com o passar do tempo devido as mudanças alimentares, e o uso de muitos medicamentos, os problemas de saúde das mulheres indígenas aumentaram. As complicações na gestação foram se tornando mais frequentes, como doenças provocam mal ao corpo da mulher e alguns casos tornando-as infertéis.

É nítido o aumento de câncer no útero e nas mamas, as menstruações desreguladas entre outras doenças relacionada à mulher. Percebemos que as meninas menstruam mais cedo ultimamente, e nossas mulheres mais velhas falam que tudo tem uma ligação com os alimentos de hoje em dia, que contém muitos hormônios que causam essas mudanças

nos ciclos da mulher.

As opiniões das mulheres Xakriabá são bem diversas. Algumas preferem o parto em casa com parteiras, e outras o parto hospitalar em função das complicações gestacionais. Hoje em dia o povo Xakriabá já tem acesso a saúde não indígena, carros de plantões e encaminhamentos para cidades, então muitas mulheres vão para os hospitais ao invés de terem parto em casa.

## **2.1. Parto tradicional**

Os partos tradicionais antigamente iniciaram-se por uma necessidade, pois como não tinham acesso a hospitais, as mulheres usavam a sabedoria de Deus para conseguir e aprender fazer um parto. A decisão de escolha de ter um parto tradicional ou de um parto hospitalar depende do momento em que a mulher está vivendo, pois cada gestação é única.

## **2.2 “Conhecedoras da História”**

### **Entrevista com Dona Rosa, Dona Zelina e Dona Marcelina**

Rosa Nunes Ribeiro afirma que teve alguns abortos espontâneos, e que todos os seus filhos nasceram em casa com a ajuda das parteira da aldeia. Dona Rosa fala das dificuldades de ter um parto em casa.

Eu tenho 4 filhos vivos, fora esses quatro filhos, eu tive 3 perdas, meus partos foram tudo em casa com parteiras, porque naquele tempo não tinha carro, e nem consulta tinha antigamente.

Minhas três perdas foi quando era novinhos, pois eu nem sabia que estava grávida, lembro que eu ia pra roça trabalhar, e um dia fui pra roça e chegou lá eu tive a perda trabalhando, e eu nem sabia o que era, e então a vida continuava normalmente, pois não tinha médico pra avaliar, e no outro dia já íamos pra roça trabalhar normalmente de novo.

Lembro do meu primeiro parto, quem fez foi minha Cumadi Zelina e dona Guilhermina, que eram parteiras na época, e até hoje se precisar elas fazem parto também, meus outros filhos já foram

outras parteiras aqui mesmo da aldeia dona Rosa de tio Toni, e dona Gertrudes.

Eu ia pra roça com os filhos nas costas e botava no rancho feito enchimento e palha e deixava as crianças lá pra nos poder trabalhar, eu rancava feijão com barrigão e era o jeito assim mesmo, pois era o sustento da família.

Hoje tá bom antigamente era muito sofrimento, hoje tá melhor têm carros da saúde, tem hospital, a parte ruim e só que alguns conhecimentos vão ficando esquecidos porque as mulheres tá parando de fazer partos, e muitas mulheres estão deixando de terem os resguardos por causa das orientações dos médicos.

Eu tenho dois filhos que fazem faculdade no FIEI, e fico feliz por eles não passarem por tudo que passei, eles estudam, trabalham, e já tem assistência medica que e bom que evita muitas mortes, pois antigamente não tomava vacina hoje já tem muita vacina, igual antigamente tinha a doença do mal de 7 dias que a criança nascia e com 7 dias morriam, e porque não tinha vacinas então aconteciam muitas doenças.



Figura 3- Dona Rosa Ribeiro  
Fonte: acervo da autora (2021)

Antigamente aqui no povo Xakriabá o acesso aos carros era difícil, não tinha médicos, os lugares mais próximos que tinham atendimento, eram na cidade de Manga e em Januária. Devido as condições de carro e estrada, haviam muitas mortes por falta de atendimentos e vacinas.

O que ajudava na recuperação de algumas doenças eram os conhecimentos tradicionais dos remédios caseiros, rezas, benzimentos para as pessoas enfermas, assim relatou dona Zelina em uma entrevista que fiz com ela.

Meu nome e ZELINA, fui umas das primeiras professoras aqui da aldeia barreiro Preto, na década de 80, fui professora de 1 a 4° serie. Na época só tinha essas turmas e eu trabalhava na aldeia vargens por 6 anos, e na sub aldeia veredinha, depois de algum tempo fui dar aula na aldeia cede.

Eu não tive muito estudo e não tive a oportunidade de estudar ou fazer alguma faculdade, mas minhas filhas tiveram essa oportunidade fico feliz por elas, que hoje uma delas e professora também.

Lembro que quando eu ia dar aulas eu levava meus filhos comigo de cavalo, andava léguas, as vezes com eles pra poder trabalhar, e outros momentos eu levava eles pra roça deixava lá com marido e ia trabalhar, ai eu voltava e pegava eles, era uma luta, até pra receber o pagamento era difícil tinha que ir de cavalo andava até Itacarambi para receber o pagamento que na época era 50, 100 reais, pois não era salários fixo, eu tive 11 anos de professora e 20 de serviçal .

Antigamente era muito difícil as coisas aqui na aldeia, pelas dificuldades de meios de transporte e saúde as vezes passávamos muitas dificuldades.

Já peguei muitas crianças, na necessidade e falta de médico acabei ajudando em alguns partos aqui na minha aldeia, quando as mulheres sentiam chamavam pra ajudar, como as parteiras moravam longe quando elas chegavam às vezes eu já tinha pegado a criança e assim a gente vai pegando o jeito.

Nos mulheres Xakriabá nessa época não tinha medico, e nos engravidava e não sabia do sexo da criança, não sabíamos de quantos meses e nesses contratempos aconteciam de muitas mulheres terem perdas com frequência. Nessa época aqui teve ondas de doenças que matou muitas pessoas e inclusive muitas crianças o desespero tomava de conta.

Lembro que nessa onda de sarampo três filhos, e meu marido pegaram sarampo, e ai foi o momento mais difícil, pois não tinha medico perto, só em Januária, meus três filhos ficaram ruins e eu achava que iam morrer, nós fazíamos remédios caseiros , chá de lagartixa com bosta de gado, chás verdes, benzimentos , o chás passavam as febres, e tinha que ficar nove dias sem tomar banho ,por causa das febres, mas eles arruinaram e ai tivemos que ir todos para Itacarambi de cavalo, e quando chegamos em Itacarambi uma das minhas filhas de 1 ano e 4 meses ,arruinou demais ,e acabou falecendo, e ai tivemos que enterrar lá em Itacarambi mesmo, nós não tinha dinheiro pra comprar o caixão e ai arrumamos umas tabas, e com ajuda de alguns amigos fizemos e enterramos, porque nós tínhamos que levar os outros filhos que estava ruim pra Januária , ai que achamos um carro e fomos pra Januária, chegamos lá o médico passou uns remédios injeção pra eles tomar, lembro que o médico ficava brincando com nós pra distrair depois de tudo que aconteceu, então voltamos para Itacarambi e ficamos 10 dias até eles terminar o remédio, pois se eles arruinasse tinha que levar pra Januária de novo , graças a Deus os outros filhos melhoraram e voltamos pra aldeia.

Depois dessa onda de sarampo, veio a coqueluche que uma tosse grande, muitas pessoas pegavam nessa época porque não tinha vacinas. Hoje em dia já tem vacinas então as pessoas não pegam mais, mas antigamente morriam muita gente, muitas crianças, nessas onde de doenças tinha família que perdiam 3 a 4 filhos.



Figura 4 - Dona Zelina  
Fonte: acervo da autora (2021)

O nascer indígena Xakriabá tem uma força muito grande em relação aos resguardos durante a gestação, pois isso garante a segurança do bebê e da mãe. Me lembro que minha mãe falava que ficava sem comer manga rosa seis meses depois do parto, e eu por ser criada escutando sobre esses resguardos, depois que tive meu filho também fiquei sem comer, pois a gente fica com receio de quebrar esse resguardo. E assim, as mulheres mais novas vão seguindo os cuidados que são passados de geração em geração, conforme percebi no percurso da Zezinha Alves, ela também fala sobre os cuidados e orientação que recebia da mãe em seus resguardos.

Minha mãe Escolástica, sempre me orienta quais os cuidados que devemos ter desde quando descobrimos que estamos grávidas e até depois do parto. Precisamos ter muito cuidado desde a alimentação, incluindo nosso comportamento. Quando ficamos grávidas não podemos passar debaixo de arame farpado e nem deixar roupas amarradas e nem as versa, pois nós mesmas podemos amarrar nosso parto, amarrar que eu falo é a criança não conseguir nascer e precisar fazer cesárea. Não podemos comer qualquer alimento como pregado de arroz, pela de porco, pois se comermos na hora do bebê nascer, se é de descer, faz é subir para a boca do estômago e aí a mulher sofre muito. Pimenta nem pensar, pois a criança nasce com dor de cólica e muita quentura e não pode comer os miúdos da galinha, porque a criança nasce miúda. Quando eu tive minha filha, minha mãe não deixava varrer a casa, soprar fogo, nem pegar peso nenhum, pois a mãe do corpo (a mãe do corpo é uma parte do útero), poderia sair para fora já que ficaria muito afleimada (quando uma coisa está quente, vermelha, com dor). Temos que ter cuidado ao sentar, não pode sentar de qualquer jeito e não pode lavar o cabelo antes de 30 dias, pois a mulher pode sentir muita dor de cabeça. (Maria Jose Alves da Cruz Motta, 2019, p.22)

### **Entrevista com Dona Marcelina**

Dona Marcelina é parteira e mora da aldeia Xakriabá Riacho dos Buritis. Ela tem 77 anos, teve 11 filhos, todos os seus partos foram tradicionais. Ela ainda atua como parteira quando necessário. Dona Marcelina já fez mais de 40 partos, isso fora os que ela já acompanhou, ela era ajudante das parteiras, e nesse cargo de ajudante ela foi observando e aprendendo as técnicas, e com esse observar ela passou realmente a fazer os partos com todos os conhecimentos que ela adquiriu nesses momentos de muito aprendizado.

Dona Marcelina fala que aprendeu com sua madrinha Leopoldina que sempre que ela ia fazer um parto chamava ela para ajudar. Enquanto Dona Leopoldina ( que é minha Bisavó) fazia os partos, dona Marcelina ficava responsável pelos remédios, ela ia preparando os remédios que seriam usados na hora do parto, e assim foi se tornando parteira.

Eu aprendi a fazer parto com minha madrinha toda vez que ela ia fazer um parto ela me chamava pra ajudar a fazer os remédios e então eu fui olhando até aprendi o jeito, e isso e um dom, e sei que devemos colocar em pratica, eu tive 11 filhos todos tradicional e já fiz mais de 40 partos , não e fácil pode ta com chuva ou sol se tiver um chamado tenho que ir, já aconteceram tantas coisas que chega ser engraçado na hora da correria a gente sai e não podemos demorar muito, uma vez chegou um chamado pra mim a noite e eu nunca tinha andado de moto e ai fui de garupa e o desespero e ainda com chuva acabei perdendo o chinelo que nem vi, quando cheguei lá logo fiz o parto do jeito que tinha chegado e ai a gente vai ajeitando as coisas e depois da tudo certo.

Minha madrinha falava que o que tínhamos que ter muito cuidado com o corpo da mulher parida dar todos os remédios, fazer a encergação que e um processo importante que deve ser feito, tem as gafarrada também que a mulher toma na pinga coloca manjerona, arruda, pitoco, saúde das mulher e deixa curtir, e a mulher vai tomar essa pinga com os remédios, Mas o que mais tem que ter cuidado com a mãe do corpo que ela tem que ta agasalhada e ter os cuidados senão ela sai para fora, graças a Deus eu já fiz muitos partos e nunca aconteceu comigo, mas temos os remédios e o jeito certo de agir e com as rezas tudo dá certo.



Figura 5 - Dona Marcelina  
Fonte: acervo da autora (2021)

Dona Marcelina me falou muitas coisas importantes, ela disse que, para a gente aprender é só vendo mesmo na prática, mas que a gente pode ir conversando com nossos mais velhos para aprender a teoria. Dona Marcelina afirma que o umbigo deve ser cortado respeitando uma medida de três dedos para cortar e não deixar desatar, ele adverte que se não amarrar direito o sangue sai e isso é muito perigoso.

Tudo que dona Marcelina me relatou foi muito importante, porque me agregou. Além disso, eu fiquei muito feliz em saber que ela aprendeu com minha bisavó, então temos uma ligação muito forte, minha bisavó era parteira muito boa viajava longe pra fazer partos quanto era preciso.

Dona Marcelina fala que esses conhecimentos são passados através de gerações, onde uma ensinando a outra. Ela fala que das filhas dela apenas uma também sabe fazer parto, pois quando ela ia fazer os partos levava sua filha Maria para ajudar, então ela acabou aprendendo e hoje também faz parto e isso é importante para manter a cultura e os conhecimentos .

Hoje em dia muitas mulheres preferem ter os partos nos hospitais na cidade, então o número de partos na aldeia diminuiu bastante.

### **CAPÍTULO III – “UM NOVO MUNDO “ MULHERES XAKRIABÁ NO MUNDO ACADÊMICO E A EXPERIÊNCIA DA GESTAÇÃO.**

Antigamente para as mulheres estudarem era muito difícil, pois havia um conceito de que as mulheres só poderiam cuidar da casa, dos filhos, e ajudar os maridos na roça. Até hoje ainda existem muitas mulheres que não têm a oportunidade de estudar, mas são mulheres que tem conhecimentos riquíssimos sobre a cultura da terra.

Hoje em dia depois de muita luta, as mulheres estão conquistando seu lugar na faculdade e no mercado de trabalho. Elas usam a força da Espiritualidade para conseguir alcançar seus objetivos em benefício da família e de suas comunidades.

Com o passar do tempo e o com surgimento das escolas nas aldeias indígenas, esse tempo das mulheres não terem tempo para estudar foi diminuindo, e elas foram ocupando lugares em salas de aulas e alcançando o ensino médio.

Entre os anos de 1996 e 1997 teve a criação do PIEI (Programa de Implantação das Escolas Indígenas) e FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas). Estes programas permitiram a inclusão das mulheres indígenas na universidade. A busca pelo curso superior por meio dessas iniciativas quebraram ideias preconceituosas e racistas, como a de que as mulheres indígenas não podem estudar.

E notável que no FIEI existe uma porcentagem grande de mulheres estudando, muitas dessas mulheres que vão já são casadas, e devido o curso ser modular muitas acabam engravidando durante o curso.

#### **3.1. Gestação no FIEI**

Uma das estudantes do FIEI , Maria Jose Alvez da Cruz (conhecida como Zezinha) trouxe suas experiências durante o curso e mostrou que mesmo com muitos desafios ela conseguiu formar, pois contou com a ajuda de professores e colegas do FIEI. Abaixo trago um relato da Zezinha sobre essa experiência:

Comecei meus estudos na UFMG em 2015, me formei em 2019 em ciências da vida e da natureza, sou natural de São João das Missões, moro na aldeia Barreiro Preto, venho aqui contar um pouquinho da minha experiência que tive durante o FIEL.

Em 2017 enfrentei um desafio grande, porque em Maio descobri que estava grávida, e aí descobri em Belo Horizonte no curso, e estava sentindo muita dor na barriga e estava tendo sangramento, aí até imaginei que não era gravidez que poderia ser normal, na qual já sentia antes, e aí foi muito difícil e precisei consultar pelos médicos pelo ipsemgue e o atendimento foi precário, fui mal atendida, tive muitas respostas, e ainda longe de casa, longe da família, e precisa de palavras de pessoas de um médico na qual ele é formado pra atender a gente como a gente já tem essa dificuldade de estar longe, eles são formados pra cuidar bem do paciente aí eu levei o exame que tinha dado positivo, o médico então disse que aquele exame ali não era certo, aí ele pediu uma ultrassom pra mim, ele não olhou na minha cara, nem me apalpou pra examinar mesmo, como o médico faz.

Ele falou que se tivesse grávida, que era mal formação, que eu na certa iria expulsar o bebê, meu organismo mesmo ia expulsar, ele falou de uma forma como se eu tivesse mesmo perdendo a criança, no começo falou que não era gravidez e depois já foi falado que se eu tivesse grávida que na certa já era pra eu expulsar, aí me deixou bem desanimada, triste que já era um sonho de ser mãe, primeira criança viva que eu estava ali esperando há muitos anos de espera há 8 anos depois das perdas que eu tive, aí você escutar umas coisas dessa longe de casa.

Depois fui mesmo no médico fiz a ultrassom estava grávida mesmo, fui pra faculdade depois expliquei para os professores, lá tive um atendimento tão maravilhosos lá elas me deram o maior apoio, me deram dias para ficar no hotel, me deram atividades pra mim fazer, se desse pra mim ir pra faculdade que eu fosse, se não desse também eles me ajudavam, me davam a lista pra mim assinar, foi bem bom, foi outro atendimento, fiquei todo esse tempo lá tendo o maior cuidado, voltei pra casa, tive a neném correu tudo beleza graças a Deus não tive problema nenhum de ter ido grávida lá pra Belo Horizonte, Depois que eu tive a Maria Luz, tive que voltar pra faculdade depois de 4 meses que a Maria Luz nasceu.

Depois eu fui para BH meu esposo Jeilson foi para olhar ela, e foi bem desafiador porque eu ia para faculdade, porque ela só mamava, não tomava mamadeira, não comia nada, eu levava ela, as vezes eu deixava ela no hotel, as vezes ele levava ela na faculdade pra mim amamentar, porque aí eu dei pra levar ela para faculdade, as professoras acharam melhor não levar mais porque lá era baixa temperatura, era fechado tinha contato com muita gente e ela não era imunizada, os professores tinham medo dela adoecer, aí eu ficava com ela no colo, e daí surgiu as preocupações dos professores, eu lá com ela com todo o trabalho, e aí

os professores mandaram eu vir embora eu tinha ficado lá 15 dias, foi muito difícil porque viajar com criança, eu carregava só ela, e ele carregava as bolsas e tudo.

Eu pensei em desistir, conversei com Celio, com Marina que eu ia desistir porque tava muito difícil para mim, porque fazer TCC cuidar de criança não é fácil, e ela ficou 4 meses e meio sentindo cólica dia e noite, e eu tinha preocupação de transcrever as entrevistas e fazer as atividades e as pesquisas, bem difícil, bem complicado, e aí quando eu falei que ia desistir que não dava mais, que não tava aguentando mais, não tava conseguindo fazer nada, aí os professores disseram que não você não vai desistir não você é forte você é guerreira, no que você precisar da gente a gente tá aí, alguns colegas me ofertaram pra me ajudar a transcrever as entrevistas, graças a Deus eu precisei assim, mas eu fiquei acanhada de pedir.

“Mas graças a Deus eu consegui me formar, fui levei minha mocinha, meu esposo foi de novo e assim foi gratificante, graças a Deus não posso reclamar que foi um desafio que me fez ficar mais forte ainda, porque as vezes a gente acha que não é capaz, muitas pessoas falaram, alguém falou Zezinha aqui do barreiro passou para o FIEI, alguns amigos falaram nossa logo Zezinha, assim tipo desacreditando de mim, Mas graças a Deus, Deus viu que eu era capaz, diferente de cada um tem sua capacidade, Deus viu que eu capaz, fui enfrentei vários desafios de separação, depois de ter minha filha de terminar tudo, sem poder abandonar ninguém para traz, graças a Deus só tenho a agradecer a Deus, pois eu mesmo me vejo que fui muito forte, por que a gente tem que ter muita fé em Deus e ser forte porque as coisas não caem do céu de mão beijada, pra você valorizar uma coisa que tem hoje tem que passar por desafios, tem que ser sofrido, eu sei agradecer a Deus a cada dia pela minha faculdade, consegui fazer, fiz pós graduação sou pós graduada, estou sem emprego hoje, mas sei que Deus tem o melhor pra mim, a gente tem que saber esperar, e agradecer a Deus o que a gente conseguiu até aqui, e que Deus vai preparar o que a gente vai conseguir depois.”



Figura 6- Zezinha Alves e sua família  
Fonte: acervo da autora (2021)

O lugar da mulher Indígena e onde ela quiser, seja em casa, no trabalho, na faculdade ou em qualquer lugar, pois essa é uma luta que vem sendo conquistada aos poucos, pela luta dos nossos anciões, uma conquista que vem de gerações dando oportunidades para nossos mais jovens a desfrutarem daquilo que tem por direito.

Trago o depoimento de outra estudante do FIEI. Ela relata sua experiência de ser mãe ao longo do percurso acadêmico. Mesmo depois de ter concluído o curso, continuou buscando melhorias para sua vida profissional, como fazer uma pós-graduação.

O FIEI abriu portas para muitas mulheres, e a Eliziane da Aldeia Barreiro Preto aproveitou a oportunidade.

Meu Nome e Eliziane, tenho 29 anos, sou casada, mãe de três filhos, fui estudante do FIEI reuni de 2009 a 2013.

Na época que a gente iniciou os estudos na UFMG, pra mim foi uma experiência diferente, eu não tinha saído ainda da aldeia pra tão longe da aldeia, e ai quando a chegamos em Belo horizonte, deparando coma aquela correria toda eu fiquei com a cabeça bem quente, vou ter que conviver com essa correria aqui vai ser complicado, e ai a gente ficou numa pousada no centro de Belo horizonte do lado de uma avenida no qual o barulho era bem constante e incomodava bastante e a gente ,ficamos nesse posada por duas semanas, e como era bem longe da

UFMG a gente pegava transporte lotado, e foi bem na época que teve o surto da gripe H1N1, Além das dificuldades que a gente tinha na época de acostumar coma aquela correria, tinha esse problema que era o convívio com outras pessoas ônibus lotado, e na época do surto da gripe h1n1 a gente corria o risco de se contaminar, e ai nesse tempo, a gente ainda não tinha a bolsa de estudos estávamos sivrindo com o que tinha levado, nesse tempo a gente pegava o coletivo, sofremos discriminação ao entrar no ônibus, pelas pessoas que usavam o transporte coletivo e até mesmo pelo motorista, não sei se e pela a gente estar pintados e usávamos adereços eles conhecia que não éramos de lá, já teve vezes também já gente ser discriminados na própria pousada que a gente estava ficando.

Chegou um dia a própria funcionária da pousada falou coisas que desagradou a nos que tinha ido ficar lá ai a gente ligou para Ana Gomes e ai Ana Gomes veio nos socorrer e nos levou para outro local, nesse tempo a gente sofria discriminação para todos os lados e não estávamos acostumados com isso porque eu mesma nunca tinha saído da terra indígena eu fiquei sem saber o que dizer diante dessa situação.

Nesse tempo eu fico lembrando a distância da família e também e uma coisa que me incomodava bastante, já teve vezes de eu ligar pro meu esposo e falar que queria vir embora, e ele fala pra mim aguentar que era assim mesmo, minha mãe ligava conversava comigo porque eu nunca tinha saído de casa, minha mãe fica ligando pedindo pra ter cuidado, eu doida de saudades do meu esposo, dos meus irmãos, a gente ficava com saudade e ai vivendo toda aquela dificuldade eu ficava doida pra vir embora eu preferia vir embora do que ta lá, minha família me ligava e pedia para ter paciência para conseguir alcançar os objetivos.

No segundo modulo eu estava grávida de 4 meses e pra mim foi difícil, mas acho que nem tanto quanto no início do curso, porque eu já sabia como que era a correria lá, mas ainda houve dificuldades 4 meses bem naquele tempo que a gente ta bem enjoada, e ai pegava transporte coletivo lotado de gente, não tinha tanto lugar pra gente sentar, então tinha alguns que oferecia, mas como a barriga não aparecia ai eu ficava em pé, e a jornada de 8 horas ali na sala sentada me incomodava, mas a gente conseguiu ficar esse tempo lá, depois que eu tava próxima de ter meu bebe eu não fui eu tava de licença maternidade e não fui para o curso e as atividades foram mandadas pra mim fazer em casa e ai eu fiz aqui mesmo em casa, e ai graças a Deus eu consegui me formar, assim durante esse tempo teve também as pesquisas projeto de pesquisas não estamos acostumados, pesquisas tipos de textos que depara no curso, tipos de linguagens que e usado lá, a linguagem acadêmica, pra nos Xakriabá, pra mim particularmente foi difícil de entender até eu acostumar com aquele tipo de linguagem foi difícil, e ai quando a gente foi fazer o projeto de pesquisa eu fiz junto com minha colega marinete e na hora de colocar as informações que a gente pesquisava os tipos de linguagens a ser usados tivemos dificuldades mas graças a Deus muitas

peessoas nos ajudaram a montar o trabalho, mas nesse tempo também a gente já tinha tendo aulas pra melhorar a produção de texto e ai ajudou bastante no projeto de pesquisa.

Bom depois de um tempo estudando conseguimos a bolsa de estudo e ai facilitou mais até mesmo a alimentação, que a gente descia no restaurante universitários que era distante, que hoje já tem o restaurante perto da FAE, mas antes tinha que percorrer aquela distancia bem longe ia votava, chegava lá e nos conversava umas com as outras que hoje na alimentação tem salada de mato, desculpa falar assim mas e porque na lá salada eles usavam folhas que usávamos aqui para fazer um chá, e tinha coisa que a gente nem conhecia.

Sou mãe de 3 três filhos, um de 10, um de 6 e uma de 9 meses sou Xakriabá e venho aqui falar dos remédios caseiros, durante o período de gestação e o pôs parto, os remédios caseiros eu fiz durante as gestações dos meus 3 filhos, o cuidado com a gravidez são passado de família, cada família tem um cuidado ,e na minha família desde os meus avos sempre fizemos o uso dos remédios, porque temos o conhecimento de que eles realmente faz bem e previnem várias doenças, durante minhas gravidez sempre tive infecção de urina, e todas elas foram tratadas com remédios tradicionais.

O uso do remédio farmacêutico foi feito, mas sinto que não teve tanto resultado quanto o tradicional, segundo os mais velhos os remédios farmacêuticos melhoram um problema, mas pode causar outro ou piorar algum problema que a gente já tem, e os remédios tradicional se não melhorar também não causa mal algum.

Durante minha gestação também tive que evitar vários tipos de alimentos pra fazer com que permanecesse minha saúde e que o bebe nascesse saudável, alguns desses alimentos que poderiam ser ingerido e que poderiam prejudicar e pimenta, refrigerante, farinha essas coisas que a gente evita pra não causar mal, tanto pra gente quanto pro bebe, e esses cuidados eram passados pela minha mãe e pessoas mais conhecedoras.

Depois do parto tomei remédio para limpeza do útero, para que o útero voltasse normalmente mais rápido, tive cuidado com bebe dando banho de ervas para evitar doenças e amenizar cólicas e além dos cuidados dos banhos, também cuidei do umbigo desde a queda do umbigo a gente usa um remédio caseiro um óleo produzido todo natural, e e colocado no umbigo da criança todo dia, ai o umbigo cai rapidinho e cicatriza mais rápido também, também tem o remédio que colocado em cima do umbigo para fechar logo que e um pó que produzido pelas mães da puérpera ou pela pessoa que ta cuidando, um pó de ervas e sementes, não sei se são todas mães que usa nos seus bebes mas eu tive essa experiencia porque minha mãe me passou esse conhecimento, e eu vi mesmo que a cicatrização e bem mais rápida mesmo então fiz todos

esses cuidados, os banhos de ervas eram ate de 30 a 40 dias.( Elisiane Fernandes ).



Figura 7 - Elisiane Fernandes com seus três filhos  
Fonte: acervo da autora (2021)

### **Entrevista com Sandra Fernandes Pimenta**

Pois então você já conhece minha história Cuma e que, eu tive várias perdas, assim que eu tava tentando engravidar eu tive uma gravidez nas trompas , primeira gravidez minha, foi uma época que eu não tava no curso não, foi em janeiro, ai no outro ano eu tive outra perda de novo, só que como a primeira foi uma gravidez nas trompas eu nem imaginei que eu ia perder novamente, ai eu tava grávida muito alegre ai fui para

o curso do FIEI, tava com um mês e pouquinho tava tinha acabado de descobrir, ai assim que eu cheguei l atava tudo bem, com 15 dias que eu cheguei lá eu comecei sentir, fui no medico, o médico falou que tava com início de aborto e falou para mim ficar de repouso o máximo que eu puder, ai eu fui para a pousada e ai minhas colegas minha irmã que tava me aconselharam a vir embora pois lá eu não iria conseguir fazer o repouso, por que era tudo longe, ai vim embora para aldeia, no mesmo dia que cheguei fiquei em Missões ai o médico já me encaminhou para manga ai cheguei lá fiz os exames tudo e ai já tinha abortado, já tinha perdido só ai fui para hospital fazer a limpeza, ai tive outras perdas foram 4 perdas que tive mas não foram no momento do curso não, Mas graças a Deus certo (Ex Aluna do FIEI Sandra Fernandes Pimenta).

E muito emocionante quando se fala de gestação, de nascer, pois é uma vida, e sabemos que hoje em dia o tratamento em hospitais é bem crítico, pois as mulheres indígenas sofrem mal tratos, não em todos os casos, mas muitas vezes as mulheres, principalmente nós indígenas temos receios de ir para o hospital, uma vez que a rejeição pode vir de muitos profissionais. Aqui no povo Xakriabá vemos muitas reclamações das mulheres nesses tratamentos.

Eu mesma passei por essa situação quando estava grávida tive perda de líquido amniótico. Como sentia muitas dores, procurei um hospital na cidade mais próxima a aldeia, ao chegar lá o médico me atendeu muito mal , eu estava sentindo muita dor no pé da barriga e ele disse que dor de verdade eu sentiria na hora do parto.

Ele foi extremamente Bruto comigo, e com todas mulheres que estavam lá que já tinham sido atendidas. O médico nem olhou para minha cara, eu tinha levantado 4 horas da manhã enjoada e com dores, para chegar ao médico e ser tratada daquela forma. Eu me senti muito mal, insegura e preocupada após esse atendimento.

### **Autobiografia de Viviane Fiuza da Mota**

Meu nome e viviane Fiuza da Mota, vou contar um pouco sobre minha experiência de vida acadêmica e da minha gestação durante o curso no FIEI.

Eu tinha muita vontade de fazer o curso no FIEI, já havia feito a prova algumas vezes e não tinha passado. Em 2017 passei no curso para a habilitação de Ciências Sociais e Humanidades. Quando ingressei no o curso eu já tinha um filho, o Nicolas Gabriel de 1

ano, ele foi minha principal motivação para seguir em frente no FIEI.

Particpei do primeiro módulo para o FIEI e foi maravilhoso poder conhecer os parentes de outras aldeias, foi muito bom ter essa experiencia Intercultural. Continuei frequentando o curso, com o tempo fui me adaptando e aprendendo a controlar a saudade de casa. Eu estava conhecendo Belo horizonte, pois o FIEI levava os alunos para conhecer alguns pontos turísticos da cidade, essas experiencias foram únicas.

O curso para mim foi uma felicidade, nele pude me agregar muitos conhecimentos maravilhosos com os colegas da turma e os professores, que nos receberam com muito carinho. Lembro-me da primeira vez que nós fomos, a professora Ana Gomes nos recebeu na casa de um amigo com um churrasco maravilhoso, e juntamente com o professor Pedro Rocha e nossos colegas de turma. Nessa ocasião pudemos nos conhecer melhor e conversar um pouco, achei muito linda essa atitude, ela trouxe confiança e a possibilidade de entrosamento.

Durante o Curso tive a oportunidade de estagiar na escola da minha aldeia: Escola Estadual Indigna Xukurank. A experiência foi muito enriquecedora, pois aprendi bastante no estágio realizado na 5º série junto com a professora Vilma. Ela me passou seus conhecimentos e me recebeu muito bem, a Direção da escola me deu todo apoio para dar continuidades nesses trabalhos.

Comecei o FIEI em 2017, na habilitação de Ciências Sociais e Humanidades, nesse período eu já tinha um filho de 1 ano de idade, foi uma experiência difícil, mas inovadora para mim.

No início de 2019 descobri que estava grávida do meu segundo filho, foi uma felicidade enorme, pois sempre sonhei em ter outros filhos, mas ao mesmo tempo fiquei preocupada porque estava com três meses de gestação e em abril teria que voltar para Belo Horizonte para cursar o módulo.

Infelizmente eu não pude ir, pois minha gravidez começou com alguns problemas. No início parecia que estava tudo bem, mas com 2 meses comecei a sentir fortes dores no pé da barriga, tive muita infecção urinaria e sofri muito com enjoos fortíssimos. Fui várias vezes parar em unidades de saúde por causa das dores fortes e constantes. Foi quando a médica me orientou a me cuidar e repousar mais. Comecei o acompanhamento no programa de saúde das mulheres em Januária, onde as gestantes com problemas de gravidez de alto risco eram encaminhadas.

Eu tomava remédios naturais para infecção, remédios naturais para dores. Comecei a me cuidar mais, não pegava peso, mas mesmo assim sentia dores fortes e

estava tendo perda de líquido de forma constante.

Tive meu bebê em 29 de Outubro de 2019, com o acompanhamento da Casa do Índio na gestação, onde fiz meus acompanhamentos com o ginecologista um mês antes de ganhar o bebê. Por causa da minha gestação de risco ganhei meu bebê pelo parto cesárea. Embora eu sempre tenha sonhado com o parto natural, meu primeiro filho também veio por uma cesariana de emergência, porque segundo o hospital o bebê havia tido uma parada cardíaca.

Me lembro do dia que eu estava no hospital, deitada na cama sem poder levantar, e ouvi os médicos do lado fora conversando sobre o meu caso, uma das médicas disse que se estivesse esperado um pouco mais havia chances de que ele acontecesse naturalmente.

Depois que recebi alta tive outras complicações, alguns dos meus pontos estouraram e tive que voltar para o Hospital para ser medicada e sem o bebê. Pois eles falavam que era ruim levar o bebê e isso foi muito doloroso para mim. Um dos médicos me jogou indireta perguntando se eu estava fazendo artes sendo que eu estava de resguardo com um bebe de 3 kg e 980 gramas.

Eu ficava com ele no colo muitas horas porque ele sentia muita cólica e chorava de 5 da tarde as 2 da manhã, foi onde comecei um início de depressão pós- parto, pois eu chorava mais que o bebê e me sentia incapaz de cuidar dele. Ele chorava tanto que as vezes não sabia o que fazer, graças a Deus a minha família ajudava, mas o bebê só queria ficar comigo.

Tive todos os cuidados tanto antes de ganhar bebê quanto depois. Antes de ganhar o bebê tomei banho de sal grosso para ajudar na dilatação, tomava banho de ervas, fazia caminhadas, mas meu quadro não melhorava.

Depois do nascimento do bebê fiz o resguardo certinho e não comia alimentos que fazia mal. Meu bebê tomava chá de cebola branca, chá de erva doce, chá de camomila, eu colocava a cebola no umbigo dele. O levei ele várias vezes para ter os benzimentos para ajudar no alívio das dores.

Minha Gestação foi complicada, mas depois dessas fases ruins eu fui me reerguendo e renovando as minhas forças para retomar as atividades do FIEI. A todo momento o Pedro Rocha, coordenador da turma, entrava em contato comigo para saber como estavam os trabalhos, o que me tranquilizava. Eu procurava ficar calma para cuidar de mim e da criança, isso me fortaleceu muito. Várias vezes pensei em desistir do curso e parecia que não ia dar conta , mas quando eu via os professores me dando força eu comecei a ter coragem de ir em frente.

O ano de 2020 foi um ano muito difícil para todos, porque surgiu uma pandemia de covid-19. Esse contexto acabou interferindo nos planos dos estudantes e também da universidade.

Tivemos que ter aulas on-line e nos adaptar ao ensino remoto. Apresentamos nosso estágio durante o Seminário online. Foi muito bom, com algumas dificuldades técnicas, mas deu tudo certo. Aproveitei esse período para amamentar meu filho e ficar mais com ele, o FIEI aconteceu a distância e foi muito produtivo com muitas atividades, os professores do FIEI sabem como planejar e administrar as aulas remotas.

Particpei do projeto de extensão Nascir Indígena com a Ana Gomes, Marina Tavares, Érica Dumont e outros integrantes. Este projeto foi definitivamente importante para meu posicionamento diante do meu percurso acadêmico. trago aqui um pouco da minha experiência com projeto Nascir Indígena, através dele conseguimos fazer lindas trocas experiências sobre Gestaçã, parto e pós-parto.

Nesse projeto tratamos de assuntos como, os cuidados durante as gestaçã, os cuidados durante o parto e os cuidados no pôs parto. Também discutimos quais as formas de parto , o tratamento dado as mulheres indígenas nos Hospitais. Fizemos estudos comparativos entre nascer na aldeia e nascer no Hospital, discutimos também os remédios medicinais tradicionais que ainda são utilizados pelas mulheres indígenas, e as formas de cuidar do corpo durante esse período de gestaçã.

Nesse Projeto também fizemos trabalhos e pesquisas relacionadas a esses cuidados durante a pandemia e dos cuidados que as gestantes e as puérperas estavam tendo nesse período de muito resguardo nas aldeias.

Na (figura 8) apresento um desenho de um mapa da minha aldeia, com a localização das gestantes e das mães com crianças durante o período pandêmico.

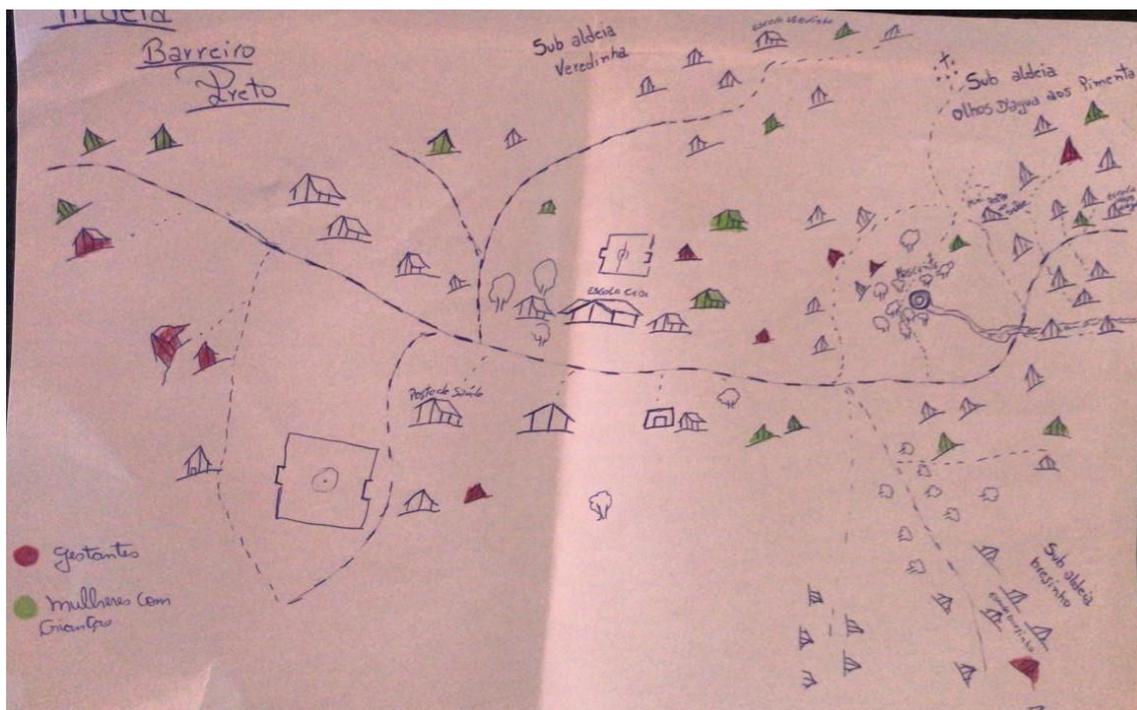


Figura 8- Mapa da Aldeia Barreiro Preto com a localização das gestantes e puérperas  
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Esse levantamento foi realizado em setembro de 2020, localizei na aldeia Barreiro Preto 10 gestantes incluindo as sub aldeias Brejinho, Olhos d'água, e também o total de mães com crianças de 1 a 11 meses de idade. A idade dessas mães varia de 15 a 28 anos. Esse trabalho foi desenvolvido em um momento em que a pandemia estava com pique alto de transmissão do covid, então foi muito importante saber quais foram os meios de proteção que essas mães estavam usando para se protegerem contra o vírus.

Esse levantamento teve como objetivo localizar as gestantes e mães com crianças e pesquisar junto aos profissionais da saúde como estavam sendo cuidadas as mulheres que se encontravam no grupo de risco. O trabalho foi muito enriquecedor para todas, pois trocamos informações com as meninas do grupo Pataxó, Maxakali e Xakriabá.

Antigamente o nosso povo Xakriabá, como já citei algumas vezes, em relação à saúde enfrentava sérias dificuldades. Como descrevi em alguns relatos, muitas pessoas morreram por falta de imunização e falta de atendimento especializado. Nesse período a saúde era precária principalmente para as mulheres gestantes, estas eram as que mais necessitavam de atendimento, pois naquele tempo muitas mulheres e crianças morriam na hora do parto.

Todo atendimento antigamente era feito pelas parteiras, pajés e pessoas que

tinham o conhecimento, que são nossos primeiros médicos, e graças a essas pessoas com toda essa sabedoria conseguiam salvar muitas vidas, tanto das mães quanto dos bebês.

Hoje no nosso território já temos enfermeiros formados, temos Xakriabá estudando medicina e com certeza todo esse avanço e essa formação serão importantes para valorização dos nossos conhecimentos tradicionais. A luta dos povos indígenas vêm de muito tempo, nosso povo quer manter seus conhecimentos tradicionais em ativa e para isso é importante ter ambos conhecimentos .

O desenvolvimento de percurso acadêmico e as referências de outros percursos que revisei despertaram em mim a vontade de conversar com uma colega que se formou enfermagem neste ano de 2021. Ela se chama Simone Nunes Correia, reside na Aldeia Barreiro Preto. Simone se formou em enfermagem na UFMG e em nossa conversa descobri que ela quer se especializar em Obstetrícia, que é o ramo da medicina que estuda a reprodução da mulher e que investiga a gestação, o parto e o puerpério.

Minha conversa com ela foi muito boa, pois desde o momento que ela saiu da aldeia para estudar, seus objetivos eram dar um retorno a comunidade, e esse retorno vai ser muito importante, porque por ela ser uma indígena já conhece a história das mulheres Xakriabá, e por isso pode colocar em prática seus conhecimentos científicos e tradicionais para ajudar o nosso povo, principalmente as mulheres gestantes que necessitam desse atendimento em especial.

É muito importante essa oportunidade de termos futuros médicos enfermeiros formados entre o nosso povo, pois sabemos que precisamos desse atendimento. O atendimento diferenciado com os dois regimes de pensamento: pensamentos o tradicional e o científico, vai ser uma forma de manter os dois conhecimentos em ativa para valorizar e manter a cultura do povo.



Figura 9: Viviane com seus filhos  
Fonte: acervo da autora (2021)

### **3.2 “Em Busca de Um novo Conhecimento”**

#### **Entrevista com a Simone (Enfermeira)**

Na conversa com Simone eu tive a curiosidade de saber o que ela pensava sobre a importância de colocar em prática os conhecimentos tradicionais e científicos para em benefícios dos povos indígenas.

Eu penso que nenhuma ciência deve se sobrepor a outra, mas sim se complementar, sendo assim, para mim não é diferente a questão da medicina tradicional e convencional, ambas devem se completar, pois todo conhecimento se torna maior quando é somado e não subtraído.

Pra mim é fundamental que coloquemos em prática nossa medicina tradicional, uma vez que através dos nossos mais velhos, passamos a

conhecer e fazer para da ampliação do conhecimento tradicional, da essência das plantas medicinais consequentemente da manutenção da nossa saúde através dos remédios produzidos pelo povo Xakriabá e diversas atividades desenvolvidas nesse contexto.

Acho importante que a mulher gestante, puérpera e a criança tenham um acompanhamento médico adequado de acordo com a cada fase da gestação da mulheres do crescimento e desenvolvimento da criança, mas também acho fundamental que as mesmas sejam acompanhadas pelos nossos pajés, parteiras, benzedeiras, rezadeiras e todos os conhecedores da nossa ciência tradicional que foram nossos primeiros “profissionais da saúde“ e que continuam nos dando suporte até os dias de hoje.

Com isso, penso que tem situações em que outros casos a resolução do problema dizem respeito prioritariamente ao conhecimento tradicional, tendo ainda as questões em que se faz necessária a intervenção dos dois conhecimentos.



Figura 10: Enfermeira Simone  
Fonte: Acervo da autora (2021)

Apesar do avanço da ciência e das inúmeras tecnologias dos tempos atuais, acredito que muitas vezes é necessário voltar ao passado e estudar um pouco mais a base de onde tudo começou, até porque os dois conhecimentos são classificados como ciência, independentemente do método que se utiliza para que ambas sejam colocadas em prática. Com relação a ciência do branco, existe sim inúmeros estudos científicos e avanços que ajudam muito nos tratamentos médicos, principalmente os mais complexos, mas existe também a questão dos efeitos colaterais da maioria dos tratamentos e medicamentos utilizados atualmente, sendo assim, a ciência convencional sozinha não basta. A questão do tratamento voltado para a patologia, onde o foco é a doença em si e não o paciente como um todo, ou seja o objetivo da ciência convencional é sempre tratar a doença sem assistir de fato o sujeito, não levando em consideração as possíveis consequências que determinada doença ou tratamento tenha causado ao paciente. Acho fundamental manter a medicina tradicional, uma vez que a mesma trata o indivíduo como um todo, olhando não apenas para a doença que o mesmo apresenta, mas trabalha também o espírito, a mente, o equilíbrio para que a saúde da pessoa seja restabelecida, ou seja o tratamento não é baseado apenas em medicamentos, procedimentos cirúrgicos etc., e sim em um conjunto de práticas que irão contribuir para a recuperação e manutenção da saúde do paciente. Com isso acredito que podemos sim, trabalhar com as duas ciências, respeitando sempre as especificidades de cada uma. (Simone)

## CAPÍTULO IV - REMÉDIOS TRADICIONAIS

Os Conhecimentos sobre a medicina tradicional são muito ricos e amplamente praticados entre os Xakriabá. Cada família mantém suas tradições em cultivar esse cuidado com o corpo e com a alma através dos remédios encontrados na aldeia. Conseguimos aprender os remédios e colocar em prática através dos nossos mais velhos, coloquei aqui uma descrição de uso e preparo de remédios utilizados por todo o povo Xakriabá, especialmente as crianças e as mulheres.

Mastruz (Figura 9) eu conheço desde pequena, minha mãe sempre usou, ele serve para limpar o útero da mulher, durante período menstrual e no pós-parto, faz-se o chá para beber e este serve como antiinflamatório.



Figura 11 - Mastruz  
Fonte: Acervo da autora (2021)

A Transagem (Figura 10) também é muito utilizada para limpar e desinflamar o útero da mulher após o parto.



Figura 12 – Transagem  
Fonte: Acervo da autora (2021)

O Picão (Figura 11) muita gente conhece, usamos a raiz em chás para tratar a infecção urinária durante a gestação. As folhas são utilizadas para banhar os bebês após o nascimento. Ele é muito usado quando o bebê nasce bem amarelo. O bebê recebe os banhos até ficar coradinho.



Figura 13-Picão  
Fonte: Acervo da autora (2021)

O óleo de mamona que é bastante usado pelas mulheres antes do nascimento do bebê, a gestante toma uma colher para fazer uma limpeza, pois ele tem efeito laxativo. Esse mesmo óleo é usado no umbigo do recém-nascido para que ele caia mais rápido. Quando o óleo é administrado o umbigo cai em oito 8 dias. O óleo também é usado nas trocas de fraldas para evitar assaduras. Os médicos não recomendam usar nada, mas essa prática faz parte do nosso costume e temos muitos resultados positivos, uma vez que ele sempre foi utilizado pelos nossos mais velhos de nossa aldeia.

O óleo é preparado da seguinte forma: Pega-se os cachos de mamona que devem passar por um processo de secagem. Depois de secos os caroços são retirados. A próxima etapa é lavar os caroços e deixar secar novamente, quando secos eles são socados no pilão. Então o óleo extraído é levado ao fogo em uma panela, que deve ser mexida até subir o óleo e depois pega-se uma concha para retirar o óleo de cima sem a borra. Depois é só colocar a gordura tirada numa outra panela pra acabar de secar algum resto de água, em seguida coa-se numa peneira e já está pronto. É só guardar em um vidro fechado e ele já pode ser utilizado.



Figura 14 - Óleo da mamona pronto para o uso  
Fonte: Acervo da autora (2021)

Durante a Pandemia os remédios tradicionais foram essenciais, não somente para as mulheres, mas para todo o povo. Alguns remédios são muito importantes para cuidar do corpo, prevenir doenças e aumentar a imunidade para evitar doenças e complicações.



Figura 13- Poejinho  
Fonte: Acervo da autora (2021)

O poejinho ( Figura 13 ) é um remédio tradicionalmente reconhecido e bastante utilizado para fazer xaropes contra gripe. O seu chá é bastante utilizado para aumentar a imunidade. È um remédio que qualquer pessoa pode ter em casa, porém é necessário ter um cuidado especial, pois ele morre facilmente.



Figura 14- Hortelã  
Fonte: acervo da autora (2021)

A hortelã (Figura 14) é um remédio usado para fazer xaropes e chás para gripes, muito usado para o aumento da imunidade. É encontrado com facilidade e pode ser cultivado na horta da casa.



Figura 15- Caninha  
Fonte: acervo da autora (2021)

A Caninha (Figura 15) é um remédio bastante usado pelas mulheres que têm problemas com miomas, cistos e problemas menstruais. A partir dele é feita uma garrafada que deve ser tomada no dia a dia. Ele pode ser preparado sozinho ou combinado com outros remédios.



Figura 16- Alfazema  
Fonte. acervo da Autora

A alfazema (Figura 16) é um remédio com propriedades calmantes, e muito importante para o aumento da imunidade por ser rica em vitamina C e B.



Figura 17: Saúde das Mulheres  
Fonte:acervo da Autora (2021)

A saúde das mulheres (Figura 17) é bastante utilizada como um chá. O sumo serve para tratar problemas menstruais e inflamações do útero. Aqui na aldeia Barreiro Preto algumas pessoas têm em casa, mas ela também pode ser encontrada na casa de Medicina.

Temos também o remédio mais utilizado pelas mulheres que é a arruda, indispensável quando a mulher ganha bebê. Ela é utilizada em banhos no bebê e na mulher antes e depois do parto. A partir da arruda também é preparada a famosa garrafada. No preparo a folha é misturada a pinga, que é dada para os parentes que vão visitar a mamãe e o bebê recém-nascido. É um costume bem antigo tradicionalmente usado até os dias atuais.

A cebola branca é muito usada para chás, que são dados aos bebês recém-nascidos para evitar cólicas. Ela também é utilizada com o óleo de mamona. A cebola é frita neste óleo para ser colocada em cima do umbigo do bebê para aliviar as dores.

Depois do parto muitas mulheres usam a folha de algodão para tomar um banho

da cintura para baixo e também podem tomar o chá , ou ainda colocar a folha na pinga para curtir para ser ingerida. A folha de algodão tem ação antiinflamatória.

Além desses remédios, existem muitos outros de várias qualidades no território Xakriabá, que é rico em remédios tradicionais utilizados pelo povo contra diversos problemas de saúde.

## **V- Conclusão**

Neste trabalho procurei descrever um pouco sobre a Gestação, o parto e o nascimento indígenas entre as estudantes Xakriabá no FIEI. Meu trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo trago informações gerais sobre o meu povo e o território Xakriabá. No segundo capítulo falo um pouco da vida das Mulheres Xakriabá. Para construir minha argumentação eu realizei entrevistas com mulheres mais velhas de nosso povo. Elas relataram suas experiências com o parto e o nascimento indígena. Entre as entrevistadas estão as parteiras, as ajudantes e as mulheres que tiveram apenas a experiência com parto tradicional.

No terceiro Capítulo procurei entrevistar estudantes que tiveram uma gestação durante percurso do FIEI, elas relatam suas experiências acadêmicas e a conciliação entre ser estudante e ser Mãe. Também entrevistei uma enfermeira Xakriabá para poder saber o que ela pensa a respeito dos conhecimentos científico e tradicional.

Nas experiências descritas nos depoimentos ficaram explícitos os obstáculos enfrentados no percurso acadêmico e a importância de manter os conhecimentos tradicionais nesse mundo novo. No quarto Capítulo coloquei alguns remédios que são utilizados pelas mulheres e por todo o povo Xakriabá, principalmente durante o período pandêmico, pois a preocupação aumentou bastante, assim como o uso aos remédios tradicionais para aumento da imunidade e da proteção contra doenças.

Durante o desenvolvimento do meu trabalho utilizei alguns percursos de estudantes do FIEI. Esses trabalhos me ajudaram muito no desenvolvimento do meu percurso e trouxeram ideias de ajudar futuras estudantes com novas pesquisas, para assim vamos construirmos documentos para serem explorados futuramente por novas gerações.

Escolhi esse tema porque queria mostrar um pouco da minha jornada acadêmica, e como é, ser estudante e mãe ao mesmo tempo em numa universidade. Pude ressaltar que nossos conhecimentos são praticados mesmo em meio a tantas mudanças, como avanços da medicina, que tiveram uma grande influência na vida das mulheres indígenas. Sobre esse ponto elaborei meus argumentos explicitando os pontos positivos e os negativos desses avanços para nosso povo.

Hoje em dia muitas mulheres sofrem maus tratos nos atendimentos hospitalares. Nas entrevistas pude perceber como as mulheres Xakriabá valorizam nossas parteiras, nossos pajés e nossas benzedoras. Pois os atendimentos em nossa comunidade são feitos com amor e com empatia, ao contrário dos atendimentos nas instituições hospitalares, onde muitas vezes as mulheres sofrem rejeição e desprezo por parte de alguns profissionais da saúde.

Nesse trabalho pude aprender muito sobre o parto tradicional, pois nunca tinha buscado muitas informações sobre o assunto e percebi o quanto devemos respeitar e valorizar nossas mulheres mais velhas, pois elas têm sabedoria e conhecimentos que são muito importantes, que precisamos aprender e colocar em prática para reativar nossa cultura

Durante essa pesquisa compreendi como os conhecimentos dos nossos mais velhos estão presente em nossas vidas, e não percebemos. O sonho da mulher indígena deve ser respeitado pelos não indígenas, pois elas deixam de realizar muitos sonhos por imposição de muitos obstáculos. Hoje eu vejo que a mulher é guerreira, pois luta e enfrenta esses obstáculos com coragem, fé e sabedoria.

Espero que este trabalho sirva de incentivo e abra novos caminhos para outras pesquisadoras, para que os conhecimentos sejam enriquecidos em pesquisas futuras, como forma de valorizar e manter a cultura do nascer indígena tradicional.

Desde já agradeço a todas as parteiras do território Xakriabá, que elas continuem transmitindo esses conhecimentos, e que possamos cada dia mais amar e aprender a ter a empatia que essas guerreiras sempre tiveram pelo nosso povo. Deixo abaixo alguns nomes de parteiras Xakriabá como forma de homenagem pelo papel fundamental desempenhado por elas no nascer indígena.

Dona Guilhermina da Aldeia Barreiro Preto

Dona Escolástica da Aldeia Barreiro Preto

Dona Inês da Aldeia Barreiro Preto

Dona Zeferina da Aldeia Vargem

Dona Marcelina da Aldeia Riacho dos Buritis

Dona Pedrelina (Dona Du) da Aldeia Barreiro Preto

Marly Gonzaga da Aldeia Vargem

Dona Zelina Gonzaga da Aldeia Barreiro Preto

Dona Josefa da Aldeia Prata

Dona Santilha Araújo da Aldeia Sumaré I

Dona Maria Aldeia Itapecury

Dona Guilé da Aldeia Brejo Mata Fome

## REFERÊNCIAS

FRANCO, Adriana Oliveira Silva; RIBEIRO, Maria Aparecida Fiuza de Oliveira. **Conhecendo as mulheres guerreiras Xakriabá da Aldeia Barreiro Preto**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação Ciências Sociais e Humanidades.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GRUBITS, Sonia, Darrault-Harris, Ivan e Pedroso, Maíra. **Mulheres indígenas: poder e tradição**. Psicologia em Estudo [online]. 2005, v. 10, n. 3 [Acessado 25 de julho 2021], pp. 363-372. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300004>>. Epub 09 Jan 2006. ISSN 1807-0329. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300004>.

MOTA, Maria Jose Alves da Cruz. Nacer Xakriabá, **Saberes e práticas tradicionais e científicas sobre parto**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Izabel Fernandes Ribeiro; SOUZA, Marlene Ferreira da Silva. **Resguardo pós parto das Mulheres Xakriabá das Aldeias Barreiro Preto e Itapecuru**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Línguas, Artes e Literaturas.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

